

OLHARES

■ CELSO CUNHA NETO ■ STUDIOCUNHA@GMAIL.COM



ARQUITETO, ARTISTA VISUAL E MEMBRO DA ABCA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRÍTICOS DE ARTE

Fotos: Taurino Araújo / Divulgação



Nos trabalhos do artista, o mundo é reorganizado por uma espécie de hermenêutica do chão



Folhas secas, galhos, fragmentos: nas mãos de Taurino, sobras não pedem desculpas por existir

N um tempo em que a arte frequentemente disputa volume e visibilidade, Taurino Araújo faz o movimento inverso: baixa o olhar. Com folhas secas, fragmentos urbanos e marcas do tempo, ele transforma o que seria resto em linguagem e nos obriga a ver, de novo, o que o cotidiano esconde.

Taurino surge no cenário cultural contemporâneo da Bahia sem alarde. Seu trabalho não busca o “grande efeito”, nem a imagem exuberante que muitos ainda associam, por clichê, ao artista local. Ele prefere outra direção: olhar para baixo, para aquilo que a pressa varre para fora do quadro e que a rotina costuma considerar irrelevante. É nesse território do mínimo, do discreto, do aparentemente sem valor que sua obra encontra força e continuidade.

Nascido em Jequié, no coração do sertão baiano, em 25 de dezembro de 1968, e criado em Ubaitã, Taurino aprende cedo a língua da escassez não como falta, mas como escola. Entre o interior, que endurece as coisas, e o horizonte urbano de Salvador, com sua agitação e promessa, ele constrói uma trajetória em que o local não é limite: é matéria-prima do universal.

Sua emancipação precoce e o fato de ter sido, em 1989, o secretário de Administração mais jovem do Brasil, não entram aqui como curiosidade biográfica, mas como sinal de temperamento: a capacidade de enxergar futuro dentro do pouco, de transformar restrição em método, de dar forma ao que parecia apenas contingência.

Reconhecido e catalogado em plataformas como AskArt e Getty Foundation, e com presença em ambientes acadêmicos e de pesquisa (como ResearchGate e PhilPeople), Araújo atravessa circuitos culturais dos Estados Unidos e da Europa. Ainda assim, onde quer que esteja, repete um gesto coerente: recolher o que o mundo chama de resto e reorganizar esse “quase nada” como forma.

Folhas secas, galhos, resíduos naturais, fragmentos urbanos: em suas mãos, sobras não pedem desculpa por existir. Elas se alinham, se equilibram, se tornam composição. E, quando se organizam, deixam evidente que o cotidiano tem uma espessura secreta.

Há artistas que sobem ao palco do “grande tema” para serem vistos. Taurino faz o contrário: desloca o centro do olhar. Seu “olhar para baixo” não é lição moral, nem pose de humildade. É procedimento de linguagem, uma ética da atenção aplicada à matéria. Ele não dramatiza o mínimo — ele confia no mínimo.

Nas artes visuais, isso se revela na economia de meios: suporte simples (às vezes, um papel comum), luz natural, escala íntima, composição deliberada. A obra não grita para permanecer. Ela insiste. E essa insistência, tão típica

A poética do chão

A beleza do que sobra encontra força e continuidade nas obras do artista visual Taurino Araújo

operação que suas obras visuais sugerem: cortar excessos, reduzir ruídos, deixar aparecer a estrutura, o ritmo, o osso do argumento. Aqui, atenção não é delicadeza decorativa. Atenção é forma de pensamento.

Contenção como método

Essa convergência fica evidente no prefácio de Renalvo Lemos de Carvalho para Dançando no Meio do Inverno: 40 anos de poesia brasileira (1984–2024). O texto funciona menos como apresentação e mais como ajuste de escuta: prepara o leitor para uma obra que deseja ser, ao mesmo tempo, musical, filosófica e formalmente consciente.

A estrutura Antes, Durante, Depois desacelera a leitura e cria uma espécie de tempo neutro, uma câmara de maturação. O leitor aprende a ouvir o peso das palavras. E essa desaceleração dialoga com o “olhar para baixo” das artes visuais: em ambos os casos, a obra pede que o mundo diminua o volume para que o essencial quase inaudível apareça.

A metáfora do inverno, então, deixa de ser paisagem para virar método: criar quando o ambiente endurece, quando nada favorece o gesto, quando o corpo aprende disciplina. É nesse contexto que se destaca uma invenção central: o lterleto, forma criada por Taurino, ancorada no regime condicional (“Se tudo fosse...”), como dispositivo de pensamento em suspensão.

O que se defende, no fim, é uma ideia simples e exigente: a poesia não como ornamento da filosofia, mas como laboratório do conceito. O poema não fecha, sustenta. Não conclui, mantém aberto. Suspende para que o pensamento aconteça. E é nesse intervalo, nesse “daqui a pouco”, que a obra de Taurino Araújo encontra sua duração: uma arte que não compete com o mundo pelo ruído, mas o reorganiza pelo silêncio atento.

*O CONTEÚDO ASSINADO E PUBLICADO NA COLUNA OLHARES NÃO EXPRESSA, NECESSARIAMENTE, A OPINIÃO DE A TARDE



Artista tem obras em plataformas como AskArt e Getty Foundation



É inevitável aproximar as obras da estética japonesa do wabi-sabi

de uma Bahia interior onde se aprende a “fazer muito com quase nada”, vira gramática estética: o que poderia ser lido como precariedade se afirma como forma consciente.

Imagens no limiar

Um conceito ajuda a atravessar sua produção: a “imagética do daqui a pouco”. Não como etiqueta, mas como chave de leitura. Taurino trabalha no limiar naquele instante anterior ao acabamento, quando o mundo ainda parece rascunho e a realidade está sempre por um fio, prestes a virar outra coisa.

Aqui, a imagem não quer apenas representar; ela acontece. Em vez de ilustrar, ela ajusta. Nasce numa zona de quase-forma, como se a arte fosse uma espécie de escuta material: uma intervenção mínima e precisa, sem heroísmo e sem grandiloquência. Um ajuste fino e, justamente por isso, potente.

É inevitável aproximar essa poética do wabi-sabi, fundamento da estética japonesa que valoriza o imperfeito, o transitório, o incompleto. Mas, em Taurino, há um desvio decisivo: não se trata apenas de aceitar a passagem do tempo com serenidade. Há também ação, discreta e objetiva. O mundo não é só acolhido; ele é reorganizado por uma engenharia humilde do cotidiano, uma espécie de hermenêutica do chão que opera sem barulho, mas não sem intenção.

Ao lidar com sobras e fragmentos, Taurino poderia cair na armadilha da denúncia automática, tão comum quando a matéria é o descarte. Ele evita. Em vez de transformar resíduos em slogan sociológico, transforma-os em sintaxe visual.

A ferrugem vira narrativa. A mancha vira documento. O amarelamento futuro do suporte entra como parte do tempo da obra. A forma não encena pureza: encena uma permanência vulnerável, como se a fragilidade fosse condição de verdade e não defeito a esconder.

Esse modo de ver também se estende à sua escrita. Taurino é artista visual, poeta, jurista e pensador e essas dimensões não se separam em gavetas. Seus textos críticos e filosóficos repetem a

Divulgação



Taurino constrói trajetória em que o local é matéria-prima do universal